



Retomada, Luta e Resistência na Construção da Aldeia Agricultura no Território Indígena de Coroa Vermelha¹

Maria Hilda Santana dos Santos Pataxó
Escola Indígena de Coroa Vermelha
mariahildasantana@hotmail.com

DOI: 10.22481/odeere.v3i5.4147

Resumo: O presente relato tem como objetivo descrever os movimentos e as resistências na construção da Aldeia Agricultura no Território de Coroa Vermelha. A metodologia utilizada na pesquisa segue uma abordagem qualitativa, inspirada numa pesquisa-ação, por esta ser mais próxima aos movimentos que se deram no trabalho. Neste sentido, essa partilha é a tentativa de deixar registrado um pouco da história deste povo, que muitas vezes é esquecida na história dos Pataxó em Coroa Vermelha.

Palavras-chave: Retomada; Aldeia Agricultura; Coroa Vermelha.

Abstract: The present report aims to describe the movements and resistance in the construction of the Agriculture Village in the Territory of Coroa Vermelha. The methodology used in the research follows a qualitative approach, inspired by an action research, because it is closer to the movements that occurred at work. In this sense, this sharing is the attempt to record a little of the history of this people, which is often forgotten in the history of the Pataxó in Coroa Vermelha.

Keywords: Resumed; Village Agriculture; Coroa Vermelha.

¹ Agradeço ao professor Paulo de Tássio Borges da Silva pela orientação no trabalho.

Considerações Iniciais

Com a diáspora do Povo Pataxó em 1951², várias aldeias foram formadas, e a aldeia de Coroa Vermelha, por se localizar em uma área bem litorânea, e por ser uma rota turística, e estar localizada perto de hotéis e pousadas, muitos indígenas Pataxó que moravam em outras aldeias e até mesmo em cidades, resolveram mudar-se para Coroa Vermelha em busca de melhorias de vida, pois eles viviam da pesca e da venda de artesanato, e como a Aldeia de Coroa Vermelha tinha acesso a estas duas oportunidades de trabalho, muitos indígenas tinham o desejo de morar nesta mesma aldeia, e assim fizeram.

Para Silva (2014), “[...] é a partir da violência do ‘Fogo de 1951’ que passou a ser conspirada a diáspora Pataxó, levando muitos (as) a se esconderem nas casas de parentes em cidades vizinhas [...]”³. Neste sentido, os filhos da diáspora⁴ do “Fogo de 1951” também foram para Coroa Vermelha, como descreve em seu registro sobre os Pataxó, Augusto Laranjeiras Sampaio:

Já no primeiro laudo identificatório da terra pataxó da Coroa Vermelha estão estabelecidas com bastante clareza a data e as condições de implantação desta comunidade indígena: “A ocupação pataxó em Coroa Vermelha começou precisamente no dia 17 de novembro de 1972, quando o senhor Alberto do Espírito Santo Matos, cognominado cacique Itambé, transferiu-se com seus familiares para o Ilhéus de Coroa Vermelha, pressionado em Monte Pascoal pela política genocida do IBDF, que vê nos índios os depredadores do meio ambiente, quando é o próprio órgão que faz vistas grossas à devastação em áreas sob sua jurisdição [...]”⁵

Outros vinham de outras aldeias, como por exemplo, os indígenas que vinham do parque, que foram obrigados a sair por ordem do governo que os acusavam de estar fazendo o desmatamento das matas nativas.

O êxodo de pataxós de Barra Velha se consolidaria porém em seguida à implantação do Parque Nacional de Monte Pascoal que, apesar de já criado pelo Decreto 2.729/43 (Diário Oficial da União, 19/04/1943), se torna efetivo através do Decreto Estadual 171.912, de 1960, no qual o Estado da Bahia doa à União 22.500 hectares para instalação do Parque, aí abrangido o núcleo central do tradicional território dos Pataxó de Barra Velha [...] Também a partir dos anos de 1960, com a construção da rodovia BR 101, alterações profundas se processam em toda a economia regional, marcadas basicamente por um voraz e predatório surto madeireiro, mas também, sobretudo a partir do início da década seguinte, com a inauguração das BR 101 e 367, pela abertura, nos municípios de Porto Seguro e Santa Cruz Cabrália [...]”⁶

² O Fogo de 1951 foi um ataque sofrido pelo Povo Pataxó, violentando centenas de famílias que se espalharam pelo Brasil.

³ SILVA, 2014, p. 140

⁴ SILVA, 2014.

⁵ ROGEDO et al, 1985, p. 18 Apud SAMPAIO, 2010, p. 107.

⁶ SAMPAIO, 2010, p. 106-107

Muitos outros indígenas que vinham de lugares diferentes passaram muitos anos sem ter contato com seus parentes, e também sem praticar e exercer a língua e a cultura, percebendo ao chegarem aqui, que tinham que aprender por exemplo que o peixe que eles pescavam não era somente para ele, mas que tinham que dividir com várias outras famílias, assim também como a caça, pesca e outros tipos de acontecimentos dentro da aldeia que era realmente viver em conjunto, viver em comunidade.

Retomar o Território, retomar a vida, lavourar a terra: nasce a Aldeia Agricultura

Com a chegada destes novos habitantes, ou antigos conhecidos, a aldeia de Coroa Vermelha teve um crescimento muito grande e muito rápido, porque todos queriam viver bem e em harmonia, e todos que chegavam eram muito bem recebidos tanto pelos moradores quanto pelas lideranças daquela época. Segue abaixo o registro de uma família Pataxó que chegara a Coroa Vermelha, exercendo a venda do artesanato.



Foto cedida pelo Missionário Antônio Sérvulo.

A moradora Hilda Francisca Santana relata no trecho abaixo, que veio do município de Itamaraju, próximo a aldeia de Barra Velha, com o esposo e os filhos para esta nova terra com grandes expectativas. Vejamos:

Nós viemo pra cá por causa da melhora minha fia, eu tive aqui minha fia, eu vim aqui mais vocês, quando eu vim, Diné já ficou aqui trabalhando. Cosmo me deu um terreno né? Por alí assim, aqui era bom mesmo de vender, tava correndo muito dinheiro naquele tempo ... eu queria vim pra aqui,

Abilho foi pra Cajuíta, nem sei se nós ficou três mês lá em Cajuíta, aí botou uma roça, nós plantou essa roça ... quando saímos de lá, nós já dexemo mandioca quase boa de fazer farinha ... aí nós vei pra aqui, e aqui Benedito Cacique chamou Abilho pra fazer parte da retomada, aí Abilho topou, fizemo roça, participamo da roça comunitária, e foi assim.⁷

Com a chegada destas novas famílias pataxó na aldeia, as lideranças da época perceberam que muitas dessas famílias precisavam de terras para construir novas moradias, e muitos destes não comercializavam e também não eram pescadores, porque estas eram as atividades em evidência dentro da comunidade de Coroa Vermelha que crescia mais e mais. E assim a necessidade de retomar o território e construir outras aldeias foi se dando, surgia a Aldeia Agricultura.

Quem se reuniu para esta retomada?

Há foi eu, Nengo, Bendito Cacique. Os líderes na época era eu Bendito Cacique e Carajá já era líder. O objetivo da retomada era que nós num tinha nem um palmo de terra pra trabalhar, e a retomada foi uma área para o pessoal trabalhar, pra botar, pra trabalhar com agricultura é... prantar é... sobreviver da terra né? Como até hoje tá, o pessoal, e lutamos com essa terra então graças a Deus que a terra foi demarcada, e a comunidade indígena permanece até hoje lá nas roça.⁸

Trabalhar a terra era a grande necessidade dessas famílias que chegaram em Coroa Vermelha. Neste sentido, os principais líderes da época: Benedito Cacique, Chico Índio, Carajá e Nengo, resolveram reunir a comunidade para estudar a possibilidade de fazer a retomada de uma área que fazia parte do território Pataxó, para suprir as necessidades que surgiam conforme o retorno destes habitantes indígenas. Deste modo, juntaram-se a eles os moradores na esperança de conseguir um pedaço de terra para trabalharem nela.

Assim, no ano de 1990, com lideranças e moradores decididos, os indígenas se organizaram, juntaram suas famílias, parentes e amigos, e subiram a mata em busca destas terras tão almeçadas como forma de subsistência de suas famílias. As lideranças comunicaram à Fundação Nacional do Índio (FUNAI), obtendo desta total segurança de entrar no território, sendo a prefeitura também informada.

As palavras abaixo pertencem a uma das lideranças que estavam na época em que houve esta retomada de território na aldeia de Coroa Vermelha, são palavras que foram registradas a partir de uma entrevista.

⁷ Entrevista de Hilda Francisca Santana, concedida em 06 de novembro de 2017.

⁸ Relato de Chico Índio concedido para esta pesquisa no dia 04 de outubro de 2017.

Na época teve apoio da Funai, a Funai na época era a Funai, verdade né? A prefeitura também ajudou no transporte e... muita gente também ajudou na comida, como o finado João Carlos é... lutou Sergio Eide, e a prefeitura também não deixou de não ajudar, ajudou também, na época o prefeito era Filó Gomes, e...ajudou, e a comunidade realmente criou essa terra lá, criou, ocupou essa terra e até hoje nós tamo lá, graças a Deus.⁹

As palavras deste morador e liderança daquela ocasião comprova a organização deste povo e a busca por parceiros com o objetivo de um bem comum, mostrando como é a vida dentro de uma comunidade. Neste sentido, as lideranças juntamente com a ajuda dos parceiros e um grupo de aproximadamente cem indígenas que moravam na aldeia Coroa Vermelha, subiram a estrada que os levavam a terra que eles tanto queriam obter de volta. Nesta caminhada as famílias que ali estavam, levavam também suas crianças, com alguns anciãos da aldeia que queriam participar também dessa conquista. A caminhada era longa, com aproximadamente seis quilômetros, mas que eles faziam com todo vigor, porque estavam decididos em reaver uma terra que a eles pertenciam por direito, era um pedaço de terra que os antigos Pataxó que por aqui viveram no passado havia perdido para as pessoas não indígenas, que neste caso os indígenas contam que eles não sabem como estas pessoas obtiveram estas terras, e como elas conseguiram registrar em seus nomes.

A espoliação dos territórios indígenas vem desde colonização ou a invasão dos portugueses, antes cada povo tinha o seu território e eles os defendiam de uma maneira que nenhum povo ficava sem terra. Nós não precisávamos de um papel que dissesse que tais terras nos pertenciam, até porque nossa relação sempre foi de respeito e negociação ao limite do outro. Desta forma, foram nestas terras que os indígenas Pataxó resolveram no ano de 1990 lutar para que o que lhes pertencia por direito voltasse para as suas famílias e para as gerações futuras.

A aldeia de Coroa Vermelha estava crescendo muito rápido, muitas pessoas estavam retornando da diáspora que aconteceu com o episódio do ano de 1951, então os indígenas estavam desejando estas terras, pois queriam trabalhar e viver da terra. Além das pessoas que queriam plantar, também tinham aquelas pessoas que trabalhavam com a produção de artesanatos, tais como os colares feitos de sementes, madeira e búzios que eram encontrados na beira da praia, mas que hoje não existem mais em algumas aldeias Pataxó, indígenas que trabalhavam com a produção de artefatos de madeira como gamelas, arcos, flechas e lanças. Existia também um artesanato que fazia parte das produções Pataxó, que é uma espécie de chocalho feito de uma árvore que só é encontrada em manguezais, este artesanato fazia parte das

⁹ Chico Índio, entrevista concedida em 04 de outubro de 2017.

danças, comemorações e do Awê. Este chocalho foi substituído anos depois por um instrumento musical Pataxó chamado Maracá, que é um artesanato feito de madeira e coco seco, e para fazer barulho é colocado sementes de Tendo ou de Pariri dentro dele, este instrumento Maracá se tornou um dos artesanatos principais para o Awê Pataxó. Além destes artefatos, existem até hoje indígenas que trabalham com cordas retiradas das cascas das árvores que servem para a produção de saias típicas do povo Pataxó, como também as chamadas “embiras”, que servem para fazer a trama de alguns artesanatos tais como lanças e bordunas.

Um outro fator importante para a retomada desta área, foi a necessidade que os indígenas tinham com a produção de uma farinha especificadamente do Povo Pataxó, que é a farinha de puba, uma espécie de farinha amarelada feita com mandioca e mandioca pubada. Para se fazer a puba a mandioca fica de três a quatro dias dentro da água para ficar mole virando a puba. Esta puba é colocada junto com a massa da mandioca fresca, que foi retirada da roça, e rala no motor no mesmo dia, deixando uma farinha amarelada, grossa, mas com um sabor peculiar que somente os povos indígenas conseguem deixar na farinha.

O morador indígena que era pescador, a sua preferência de moradia era na aldeia de Coroa Vermelha mesmo, que fica localizada perto da praia, então para os pescadores essa nova retomada não iria fazer muita diferença. No entanto, o pescador Pataxó mesmo não tendo interesses nas terras da nova conquista, estava lá na luta pela retomada daquela área, participando das caminhadas e reuniões, presentes quando o grupo avançou em direção à posse da terra. No processo de retomada existia também um problema dentro da aldeia, permanecendo até os dias atuais, que são os moradores não indígenas em locais que fazem parte do território Pataxó, e possuem financeiramente boas condições, com grandes casas construídas, que com as comemorações dos quinhentos anos do Brasil, foram obrigados a serem indenizados, mas que sabemos, não saíram todos, existindo áreas que até hoje pertencem aos Pataxó e que tem grandes casarões.

Vale dizer que as famílias que estavam retomando o território eram aquelas que foram expulsas no Fogo de 1951 em Barra Velha. Quando essas famílias ouviram falar que na aldeia de Coroa Vermelha tinham oportunidades de trabalho, que era o comércio de artesanatos e que estavam comprando o que eles sabiam produzir, foram todas chegando, reencontrando parentes. Muitas dessas famílias, mesmo com a vida dentro da comunidade indígena, e recebendo todos os cuidados das lideranças daquela época, resistiam em dizer que eram índios quando se viam sozinhos nos municípios vizinhos, pois ainda existia o trauma da violência sofrida por eles. Não era diferente com os homens pescadores, que tinham cautela em dizer que eram indígenas nas

associações e colônias de pescadores. A Aldeia Agricultura representava um novo recomeço para muitas famílias, que caminhavam com o sentimento de esperança em estarem recomeçando uma nova história, onde eles próprios seriam os autores.

A Retomada



Construção do acampamento da retomada

Na época eu era vice cacique com Bendito Cacique, data eu num lembro não... Olha, a minha filha Taíne nasceu dessa vez mesmo que a gente foi pra Agricultura. Eu me lembro que quando ela nasceu, a mãe dela tava grávida quando a gente ocupamo a Agricultura, quando eu tava lá na Agricultura, chegou o recado que a mãe dela, Tava com dor, eu tive que descer correndo cê entendeu? E aí tem 27 anos.¹⁰

Tomo como início essa fotografia e esse depoimento do Chico Índio para mostrar como a construção da Aldeia Agricultura está marcada por memórias. Neste sentido, chamo todas as lideranças que estiveram à frente da construção da Aldeia Agricultura a comporem esse texto que não é só meu, mas também deles.

Olha só, a gente... a decisão de retomar aquela área, é porque... eu vou começar do começo, porque a gente morava aqui e não tinha ainda terra nenhuma demarcada né? E lutando pela terra, pela identificação da terra Indígena e aquilo foi demorando, demorando e terminou a gente, e a comunidade foi crescendo, foi criando, crescendo, como até hoje cresce e... porque a gente sabe que terra indígena, ela é uma terra contínua, ela não é uma terra que para por aí, e aí a gente ocupamo a Agricultura né? Pra poder a área ficar grande, até porque a gente não tinha uma área pra trabalhar com roça, essa parte aqui na beira da praia não dava, aí tivemos que ocupar aquela área lá porque é

¹⁰ Depoimento do Cacique Nengo, concedido em 30/10/2017.

uma área de barro que tem como plantar e colher também né? Então a gente resolveu ocupar aquela área.¹¹

Observamos na fala do Cacique Nengo um conhecimento específico sobre o Território, sabendo dizer o que é possível produzir em cada área, tendo consciência que a Aldeia Agricultura seria um espaço necessário de cultivo da terra para as famílias Pataxó que cada vez mais estavam chegando em Coroa Vermelha. Vejamos o que Chico Índio nos relata sobre a construção da Aldeia Agricultura:

A gente se reuniu a comunidade, e ocupamo aquela área aí, mas ocupamo mais para trabalhar né? Na agricultura como hoje ainda tem né? Pra lá... E já tá uma área pequena, sabe disso que tá pequena, e aí a gente também vamos ocupando já outras áreas que tá dentro do limite da terra indígena da Coroa Vermelha, hoje ela já é uma área pequena, Agricultura, hoje é uma área de quatrocentos e trinta e poucos hectares que.. não dá pra nada, mas o objetivo da gente é ir pra lá, subir pra lá, fazer agricultura aí... fazer moradia também né? Que aqui em baixo já não dava mais pra ocupar tanta família. Sempre veio gente é da Barra Velha, a maior parte que vem aqui é da Barra Velha (...) por causa do turismo pra venda do artesanato, hoje Coroa Vermelha cresceu muito por causa disso aí, o lado econômico fez com que a família cresceu, veio os índios de outras áreas, que era o ponto turístico de vender artesanato, na época era muito bom de vender, e aí os que vinham de outras aldeias pra vender o artesanato terminava ficando por aqui, e como era índio não podia mandar embora, não podia mandar de volta, e ficou por aí, e foi crescendo assim (Depoimento do Cacique Nengo, concedido em 30/10/2017)

O relato do Cacique Nengo ilustra como se deu o povoamento de Coroa Vermelha e como ela tornou-se uma aldeia populosa, sendo a venda do artesanato a principal causa da migração de indígenas para o território. A fotografia abaixo registra a organização da retomada na construção da Aldeia Agricultura.



Acampamento na retomada

¹¹ Depoimento do Cacique Nengo, concedido em 30/10/2017

Segundo Chico índio, quando chegaram no local da Aldeia Agricultura, a mata era densa, porém, existia uma moradia feito de tábuas em meio a mata fechada, onde residia nesta localidade um senhor com sua família que tomava conta das terras, conhecido como o Guarda. No dia em que os indígenas chegaram para retomada do território, este morador não estava chegando algumas horas mais tarde, no entanto, os parentes já tinham adentrado as matas e estavam limpando os terrenos.

Segundo alguns depoimentos obtidos com os próprios moradores que participaram deste ato, a retomada de território aconteceu sem brigas e sem discussões, outros dizem que não houve conflito, mas que ouviram dizer que dentro das matas haviam jagunços à espreita para enfrentá-los. Nengo, que era cacique naquela época, afirma que não houve o enfrentamento, mas que haviam ameaças por parte dos antigos donos da terra que eles estavam agora de posse, como ele mesmo relata nas linhas a seguir:

[...] a gente ocupamo mesmo só com o apoio da comunidade, na época até a comunidade era pequena, a gente pensou até de não dá ...dizer assim: -olha nós vamos entrar, mas vamos sair porque é pouco! A gente foi muito ameaçado por pistoleiro na época, era uma área que tava na mão da Vale do Rio Doce, chamava se FLONIBA na época aí.¹²

Segue abaixo uma foto do Cacique Nengo com outros membros da retomada:



Foto tirada e cedida pelo missionário Antônio Sérvulo.

¹² Depoimento de Nendo, concedido em 30 de outubro de 2017.

Confirmando o relato do Cacique Nengo, que descreve em seu depoimento as ameaças recebidas, muitos passavam a noite em claro para não serem pegos de surpresa. O Missionário Antônio Sérvulo acompanhou de perto a luta desses indígenas durante o tempo todo, pedindo autorização das lideranças daquela época para acompanhá-los, ajudando de alguma forma. Desta forma, o Missionário e a sua esposa Adnair Sacramento, ajudavam os Pataxó que se machucavam durante a retomada, com curativos, fazendo limpeza de ferimentos, suturas e suprindo remédios a partir do conhecimento que eles tinham na área de enfermagem. Na foto abaixo o Missionário Antônio Sérvulo cuida de um ferimento do senhor Abílio Gonzaga na retomada.



Foto tirada e cedida pelo missionário Antônio Sérvulo

O Missionário conta que foi muito bem recebido pelos indígenas, sem nenhuma resistência. Quando os indígenas perceberam que o Antônio e sua esposa Adnair poderiam ajudá-los o acolhimento foi muito melhor. Assim eles puderam perceber que aqueles Missionários lhes fariam muito bem. Vejamos o relato do Missionário:

Olha, na verdade é... nós chegamos a aqui 3 de julho, eu vim aqui e conversei com seu Benedito Cacique, falei que era Missionário e tava vindo aqui pra ajudar, queria ajudar um pouco na área de saúde e... ele ficou contente e em agosto eles entraram lá, se não me engano a data pode ser variada em 28 de agosto, no dia seguinte eu fui pra lá, e quando cheguei eles estavam acampados e... alguns desconfiaram assim... e a gente com... uma bolsa com alguns materiais de curativos, pomada, esparadrapo, né? Ajudando um e outro, fazendo curativo, medicamentos... lembro uma vez também que eu estava subindo com uma bicicleta, e ele ia com um saco de comida. "Seu Benedito Cacique, eu digo" Ô seu Benedito tô indo pra lá, se o senhor quiser eu levo aqui na bicicleta. Ele disse: "-Leva Antônio!" Foi um voto de confiança, porque tinha um mês e pouco que tava ali né? Eu levei, cheguei estavam todos reunidos ali. Eu digo: -Olha, eu trouxe isso aqui, e quando eu ia falar

seu Benedito entregou, eles todos gritaram! - eeehhh!!! Pensou que fosse eu. “Digo: -Não! Foi seu Benedito que mandou. Seu Benedito chegou, e eles disseram, “-Quem é esse rapaz?, seu Benedito falou: “-Esse é dos nossos.” E o nosso trabalho foi esse, fazer um curativo né? Conversar... Encontrei seu Bil e D. Dalva, as primeiras rocinhas ali a gente tava perto, seu Noel, seu tio, Bil, e a gente sempre tava lá e fazia curativo. Inclusive nós temos uma foto, não sei onde, fazendo um curativo no dedo de seu pai. Então... eles estavam animados ali, desconfiados porque havia promessas de represália, de gente armada contra eles né? Mas eles permaneceram firmes ali, trabalhando, cortando, foram conquistando, ampliando, e tornou-se naquilo ali, né?!¹³

As terras que os indígenas estavam retomando de volta para os seus domínios, estavam em poder de um órgão que segundo eles próprios diziam, era governamental, mas que precisamente eram de empresas imobiliárias que não se sabe até os dias atuais como elas conseguiram estas terras, se por meio de doações, barganha ou até mesmo do governo, através de documentos elaborados para propiciar a estas empresas o poder sobre nossos territórios. Observemos a fala de Chico Índio:

[...] Eu não sei o ano, eu sei, eu sei o que aconteceu foi que ali era uma terra do governo, da BRAOLANDA e a gente reunimos aqui e fomos pra lá e ...e entramos lá e ... e fizemos uma roça da comunidade, primeira coisa que nós fazemos foi uma roça da comunidade.¹⁴

A partir da fala do morador Chico Índio, pode-se observar que eles pensavam, e até hoje imaginam que estas terras eram do governo, sendo na verdade terras que estavam em posse das imobiliárias para venda de grandes lotes com o intuito de moradias fixas. Neste sentido, o que se tornou favorável aos indígenas foram os diálogos entre Funai, antropólogos e as empresas imobiliárias daquela época, pois estas não tiveram problemas em vender os espaços para o governo, muito pelo contrário, pois tinham a garantia do recebimento do valor das terras pelo governo, então não precisavam temer, mas sim autorizar os indígenas adentrarem as terras.

Deste modo, os indígenas entraram na terra no ano de 1990, e logo começaram a fazer os seus roçados. De início, segundo o morador Chico Índio, a pouca comida era preparada para todos, e os mantimentos eram de doações para que nos primeiros dias de trabalhos, os indígenas tivessem o que comer, mas logo em seguida no ganhar da terra eles mesmos começaram a comprar o seu próprio alimento, conseguindo mais doações para o sustento da comunidade.

Os líderes da época reuniram todas as famílias que estavam dispostas a permanecerem dentro da área, acordando que o primeiro plantio seria de todos, então foi organizado um mutirão para que todos pudessem participar do plantio da primeira roça comunitária. Momento citado pelo Chico Índio na fala acima. Quando ele diz que a primeira roça foi comunitária, é que todos se

¹³ Depoimento de Antônio Sérvulo, concedido em 27 de novembro de 2017.

¹⁴ Depoimento de Chico Índio, concedido em 04/10/2017.

uniram por um bem comum, plantaram os alimentos necessários para eles sobreviverem durante um período, sendo um dos alimentos essencial para o indígena vindo da plantação de mandioca, para a produção da farinha (farinha de puba) e também dos beijus.

A roça comunitária foi uma estratégia dos indígenas para permanecer na terra, ou seja, para garantir o direito de posse da terra, pois quem olhasse para as terras veriam que os indígenas tinham realmente o desejo de fazer produzir aquelas terras. Então, a roça comunitária foi algo estratégico e de resultado imediato naquele momento, mostrando para os outros que eles não estavam parados, mas sim trabalhando na terra.

Logo abaixo segue uma foto do Cacique Benedito e sua esposa Bela, que junto da Dona Abigail cuidaram da alimentação na retomada.



Aqueles que se uniram a eles para somente juntar forças e todos conseguirem as terras, não trabalharam na terra, voltando para suas casas, pois o que eles queriam era continuar com o artesanato. Contudo, para a produção destes artesanatos era preciso a matéria-prima, que neste caso, era colhida nesta mesma área, até antes dela ser reconquistada pelos seus.



Produção de artesanato.

Nós Pataxó já utilizávamos essa área até antes dela ser retomada, para o extrativismo de matéria-prima para a produção de artesanatos que eram vendidos ali mesmo no comércio local, na grande Coroa Vermelha. Eram colhidas variedades de espécies de madeiras, madeiras típicas da Mata Atlântica, como o Arapati que era uma madeira muito comum na área e que eles a utilizavam para a produção de lanças, o cipó que era retirado para a produção de cestos e outros tipos de madeira para a produção de gamelas. Outra atividade muito comum na época, era a retirada da piaçava pelos indígenas, sendo um produto vendido para outros moradores de Santa Cruz Cabralia para a produção de vassouras ou até mesmo para fazer grandes pentes de piaçava que serviam para cobrir casas ou barracas de praias.

Neste sentido, vários tipos de matéria-prima eram retirados daquela área pelos indígenas, o que se tornou muito mais fácil o acesso depois da retomada, uma vez que antes eles se arriscavam andando numa terra que não lhes pertenciam, mas que agora podiam andar livres na área, sem medo de ataques por parte dos guardas que eram contratados pelas imobiliárias para vigiar o local, sendo muitas vezes em certas propriedades, autorizados a atacar os que por ali andam.

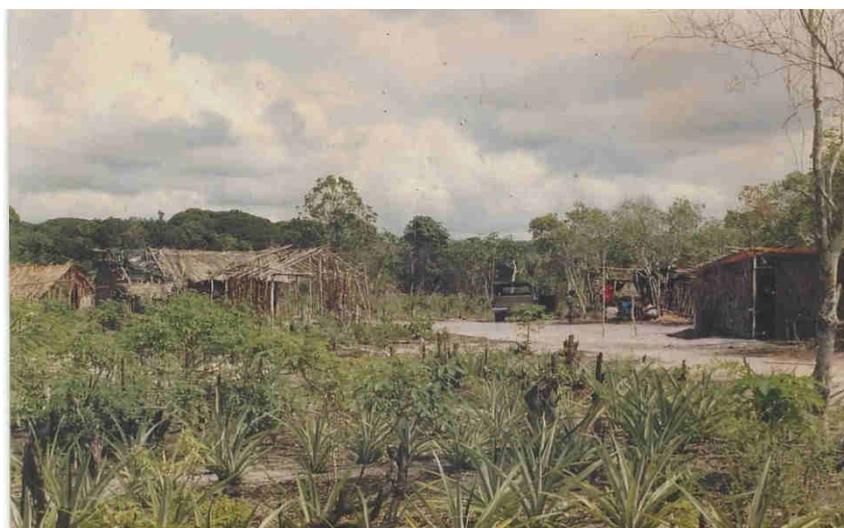
Assim como os outros parentes que se dedicavam ao artesanato, os moradores que dependiam da pesca e da mariscagem e tinham dado somente o apoio para a retomada das terras, logo que estas estavam seguras nas mãos dos indígenas, voltaram para as suas atividades no mar. Uma das contribuições que estes pescadores tiveram com a retomada destas áreas foi a matéria-prima para a produção de grandes canoas que eles utilizavam nas pescas. Na foto abaixo os parentes Pataxó retiram madeira para a produção de uma canoa, o que deixa claro que muitos viviam e sobrevivem até os dias atuais não só da venda do artesanato, mas também da pesca.



Retirando madeira para a produção de canoa.

No início desta retomada, como estavam todos juntos, a comida, apesar de escassa era preparada para todos, a água (que era trazida de um rio próximo) era dividida também para todos, cada indivíduo dependia um do outro. Ali naquele acampamento, homens, mulheres e crianças estavam juntos, e pensavam juntos. Deste modo, foi pensado a roça comunitária para selar o compromisso que cada um tinha para com o outro, e também o compromisso de zelar pelo bem-estar das famílias que ali estavam e faziam parte daquele momento.

A roça comunitária que foi pensada e concretizada para todos, as comidas preparadas para todos, as bebidas, as conversas e as reuniões que eram feitas em conjunto, tudo isso era uma forma de celebração pela terra conquistada. Todos aqueles momentos juntos era uma forma de agradecimentos pela dádiva da terra recebida.



Roças já plantadas

As crianças tinham total liberdade de brincarem durante o dia sobre as sombras dos grandes arvoredos e plantas, (isso quando não estavam ajudando os pais nos afazeres diários) e a noite em volta das fogueiras que eram feitas, onde todos se reuniam para falar dos grandes feitos durante o dia, e também o conto das histórias feitas pelos mais velhos. Depois das conversas noturnas em volta da fogueira, cada família se recolhia em suas casas, (que eram barracos improvisados, com paus fincados ao chão em forma de triângulo para proteger da chuva e do sol, cobertos com lonas e plásticos) lá dentro eram armadas as redes ou camas feitas de madeira fincadas no chão e o estrado feitos com ripas, sendo tudo retirado dali mesmo, da floresta. As reuniões noturnas em volta da fogueira, tanto adultos quanto crianças, continuaram até anos depois, quando cada um já estava com seus roçados, sendo agora vizinho com vizinho, e não mais com toda a comunidade junta e reunida.

Os moradores que permaneceram na área para morarem fixamente e colocarem os seus roçados depois da roça comunitária, começaram com suas famílias a procurarem uma área para se estabelecerem, pois não tinha um limite de terra para cada um, às famílias era dada total liberdade de marcar a sua parte de acordo com o que cada família podia cuidar e produzir na terra. Os pedaços de terra eram marcados com as próprias plantações, o abacaxi era uma das principais plantas utilizadas para marcar os limites territoriais de uma roça para outra. E esses limites eram verdadeiramente respeitados, ninguém ultrapassava os limites dos outros, até vários anos, depois da retomada do território, os limites ainda eram separados através de plantações, sendo depois estas plantações substituídas por cercas, delimitando assim, mais formalmente os espaços geográficos.

A partir de então, cada família foi se desenvolvendo nas roças, plantando o que cada um queria, e o que naquela terra dava sem ter muito o auxílio dos adubos. Outro fator muito marcante naquela época, foi que, os moradores que permaneceram na terra, tempos depois receberam da FUNAI um apoio de ferramentas, como facão, enxadas, foices, serrote e machados. Essas ferramentas naquela época foram de grande serventia para os indígenas que precisavam derrubar as árvores para fazer seus roçados.

Quando os parentes pensaram em um território para eles, os membros da comunidade, todos, liderança e comunidade, pensaram que assim como eles precisavam de uma área para plantar, eles também precisariam de uma área que eles próprios manteriam intacta. Uma área preservada, sem que o homem colocasse suas mãos, para que eles pudessem nessa parte do território praticar os rituais, ter o acesso as plantas medicinais quando precisassem. Desta forma,

fez-se no local onde todos queriam para plantar, as roças familiares, separando um outro local para preservação do meio ambiente e os rituais.

O senhor Nengo relata que no início da retomada eles tiveram muitas dificuldades quanto a comida, que era escassa, e que a ajuda destes produtos para eles se alimentarem veio dias depois, assim como as ferramentas que eles obtiveram pela FUNAI. Quanto ao acesso à água, não tinham dificuldades, pois ali mesmo dentro do novo território conquistado, existe um rio que sempre foi abundante, utilizado pelas mulheres na preparação dos alimentos, lavagem das louças e roupas.

E assim a retomada foi se firmando dia após dia, logo depois que as roças estavam sendo prontas, outras prioridades foram surgindo, como aberturas de estradas para a passagem de carros, pois dependiam dos veículos, tendo em vista da aldeia ser longe da BR onde ficava a outra aldeia de Coroa Vermelha. Neste caso a aldeia também precisava de veículos para transportarem os produtos da roça, sendo que nessa época a produção de farinha era muito grande, pois a maioria das famílias fazia farinha tanto para o consumo próprio quanto para a venda.

A produção da farinha se dava de modo muito artesanal, a mandioca era colhida e ralada no ralo quando a família não tinha um motor, a farinheira era um local parecido a um galpão, porém com um motor (quando tinha), tendo as cubas para depositar a massa para peneirar, e também possuía a prensa para tirar todo o líquido da massa, além dos fornos para secar a massa transformando assim em farinha. Era muito comum, existindo até hoje, o costume de pedir emprestado a farinheira do vizinho para preparar a sua farinha, pois nem todas as famílias naquela época possuíam capital suficiente para montar uma farinheira, então funcionava dessa forma, com uso coletivo.

Uma das práticas adotadas na Aldeia Agricultura foi escambo, sendo raro a compra de produtos, também por falta de dinheiro, dessa forma, a troca era a maneira de adquirir alguns produtos, funcionando da seguinte maneira: Se uma família tinha um produto que a outra não conseguiu plantar na sua roça, e esta tinha um produto que a outra família não possuía, havia a troca de alimentos. Assim, uma família supria a necessidade da outra, e até mesmo quando não tinha o que dar em troca, não havia nenhum problema, dava-se o produto do mesmo jeito. Tal prática acontecia muito com os animais que foram encontrados no início dos roçados, pois existia muita caça naquela época, sendo a divisão das caças entre vizinhos muito comum.

Considerações Finais

O objetivo deste relato foi registrar a história de um povo que lutou e ainda hoje procura de todas as formas viver em harmonia, tendo partido deles o desejo de contar os momentos vividos por eles na conquista do território. Neste sentido, essa partilha é a tentativa de deixar registrado um pouco da história deste povo, que muitas vezes passa despercebida da história dos Pataxó em Coroa Vermelha.

A partir da minha experiência como professora na Aldeia Agricultura percebi o interesse da comunidade em colocar no papel o que viveram naquela época, tendo me chamado a atenção, que o interesse não partia somente de um morador, mas de muitos que ali residem, que se sentiam “esquecidos”, sendo uma história de luta não contada. A vontade que eles sentiam passou também a fazer parte de mim, não sendo justo que as novas gerações Pataxó, não conheçam as suas histórias, o protagonismo de diferentes lideranças na conquista do território da Aldeia Agricultura.

Referências

SAMPAIO, Augusto Laranjeiras. Sob o Signo da Cruz: relatório circunstanciado de identificação e delimitação da Terra Indígena Pataxó de Coroa Vermelha. In: *Cadernos do LEME*, Campina Grande, v. nº 1, Jan./Jun., 2010.

SILVA, Paulo de Tássio Borges da. *As Relações de Interculturalidade entre Conhecimento Científico e Conhecimentos Tradicionais na Escola Estadual Indígena Kijetxawê Zabelê*. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2014.

Maria Hilda Santana dos Santos Pataxó: Possui Licenciatura Intercultural Indígena pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB e é professora na Escola Indígena de Coroa Vermelha.

Artigo recebido para publicação em: Abril de 2018.

Artigo aprovado para publicação em: Maio de 2018.